

OS SONS RÓTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO PELOS DESCENDENTES DE ESLAVOS NO INTERIOR DO PARANÁ

RHOTICS SOUNDS IN BRAZILIAN PORTUGUESE SPOKEN BY SLAVS DESCENDANTS IN THE INTERIOR OF PARANÁ

Luciane Trennephol da Costa *

RESUMO: Neste texto, compilamos resultados de análises variacionistas que descrevem os sons róticos, os sons de r, em dados de fala oriundos de comunidades do interior do Estado do Paraná, na região sul do Brasil, que recebeu intensa imigração eslava, polonesa e ucraniana, etnias que contribuíram para a cultura e para o português brasileiro falado na região. Coerente com a realização dos róticos no português brasileiro, que possui variantes com diferentes pontos e modos de articulação, os resultados das referidas pesquisas mostram a presença de múltiplas variantes róticas. O predomínio da variante rótica tepe liga-se à intensa ocorrência de substituição do rótico forte, fricativa velar, pelo tepe na fala destes brasileiros. Os resultados sugerem que o predomínio da variante rótica tepe e o fenômeno variável de substituição do rótico forte pelo tepe caracterizam a fala destes brasileiros descendentes de poloneses e ucranianos.

PALAVRAS-CHAVE: Róticos, Variação Linguística, Fala Eslava.

ABSTRACT: In this research, we compiled results of variationist analyses that describe rhotic sounds, the r sounds, in speech data from communities in the interior of the state of Paraná, in the southern region of Brazil. Paraná received intense Slavic, Polish and Ukrainian immigration, and this ethnic group contributed to the culture and to the Brazilian Portuguese spoken in the region. Consistent with the realization of rhotics in Brazilian Portuguese, which has several variants with varied points and modes of articulation, the results of these studies show the presence of several rhotic variants. The predominance of the rhotic variant tap is linked to the intense

* Doutora em Letras (UFPR). Professora Associada na Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. E-mail: ltcosta@unicentro.br

occurrence of substitution of the strong rhotic, velar fricative, by tap in the speech of these Brazilians. The results suggest that the predominance of the rhotic variant tap and the variable phenomenon of substitution of the strong rhotic by tap characterize the speech of these Brazilians of Polish and Ukrainian descent.

KEYWORDS: Rhotics, Linguistic Variation, Slavic Speech.

INTRODUÇÃO: A VARIABILIDADE DOS RÓTICOS

Dentre os sons consonantais, os sons de r – chamados sons róticos – caracterizam-se por intensa variabilidade nas línguas com diferentes pontos e modos de articulação. Tal variabilidade leva Ladefoged e Maddieson a afirmarem que o elo que une essa classe fonológica de sons não seria uma característica acústica ou articulatória e sim apenas a representação gráfica pela letra r:

Most of the traditional classes referred to in phonetic theory are defined by an articulatory or auditory property of the sounds, but the terms rhotic and r-sound are largely based on the fact that these sounds tend to be written with a particular character in orthographic systems derived from the Greco_Roman tradition, namely the letter “r” or its Greek counterpart rho (Ladefoged; Maddieson, 1996, p. 215)

As variantes róticas no português brasileiro incluem sons fricativos, vibrantes, tepes e aproximantes com pontos de articulação anteriores e posteriores. Em termos articulatórios e acústicos, a variante tepe caracteriza-se pelo toque do ápice da língua nos alvéolos e pela respectiva breve oclusão no trato oral; já a aproximante retroflexa caracteriza-se pela aproximação e encurvamento da ponta da língua em direção aos alvéolos, gerando acusticamente uma descida acentuada do terceiro formante vocálico (Costa, 2013). A vibrante alveolar caracteriza-se por repetidos e rápidos toques do ápice da língua nos alvéolos, gerando uma sequência de oclusões no trato oral e, finalmente, a fricativa velar caracteriza-se pelo estreitamento do trato na região do véu palatino, gerando fricção e ruído fricativo (Silva, 2011). Nas fricativas uvular e glotal, não produzida no sul do país, a fricção é produzida nestas regiões mais posteriorizadas do trato.

A diversidade encontrada nas línguas para modos e pontos de articulação constitui um desafio para a classe fonológica dos róticos (Dickey, 1997, p. 71). As teorias fonológicas agrupam os segmentos em classes de sons conforme suas características comuns, mas os róticos incluem segmentos tão variados e diferentes entre si, que não possuem todos uma característica articulatória ou acústica que possa justificar tal classe fonológica, como já referimos com Ladefoged e Maddieson (1996). Tal fato leva Lindau (1985) a propor uma união diferente

para esta classe de sons. No clássico texto “The story of r”, a autora aponta características que unem variantes róticas umas com as outras e que formam elos entre as variantes formando famílias de semelhantes: “Each member of the rhotic class resembles some other member with respect to some property, but it is not the same property that constitutes the resemblance for all members of a class”¹ (Lindau, 1985, p. 166). A autora propõe que vibrantes e tepes têm em comum a fase de oclusão total do trato, já a fase de abertura de uma vibrante a liga à variante aproximante pela presença de formantes; uma vibrante alveolar e uma fricativa uvular ligam-se por seu padrão repetido de pulsos rápidos. Assim, as variantes róticas formariam elos entre si, justificados por alguma característica articulatória ou acústica, que as uniriam na classe fonológica *rótica*. Em termos de português brasileiro falado no sul do Brasil, poderíamos unir a vibrante múltipla alveolar [r] ao tepe [ɾ] pela existência de oclusão, o tepe aproximante e o retroflexo [ɻ] pelo elemento vocálico anterior e estes com a fricativa velar [x] intervocálica pela presença formântica.

No português brasileiro, as variantes róticas distribuem-se conforme o contexto silábico em que ocorrem. Monaretto constatou em suas análises que o uso das variantes róticas está relacionado ao ambiente silábico no qual o rótico ocorre: “se pré-vocálico, em início de palavra (*rato*) e em início de sílaba, precedido por consoante (*honra*), a forma preferida é r-forte (fricativa velar ou vibrante alveolar); se pós-vocálico (*mar, carta*), r-fraco é a variante predominante, mais precisamente, o tepe” (Monaretto, 2002, p. 254).

A existência de tantas variantes potencializa a realização de fenômenos variáveis envolvendo os róticos e caracterizando dialetos. Labov (2008 [1972]), ao investigar o papel da estratificação social nas lojas de departamento na cidade de Nova York, classificadas conforme o público consumidor alvo, escolheu como objeto de estudo justamente o r na coda silábica por ser esta variável linguística um “diferenciador social em todos os níveis da fala de Nova York” (p. 64). Ao tratar do contexto social da mudança linguística e apontar que a língua muda quando um grupo de falantes usa um padrão diferente para se comunicar entre si, defende que “a mudança linguística pode também ser diferenciada por sua associação com um grupo étnico ou uma casta particular, e que vários grupos étnicos podem tratar a mesma variável de modos diferentes.” (Labov, 2008 [1972], p. 342). Ao descrever o sistema vocálico de Nova York, o autor destaca a relevância do fator social, grupo étnico, na variação linguística: “No desenvolvimento do sistema vocálico de Nova York, descobrimos que a identidade étnica desempenha um papel importante – mais importante do que a classe socioeconômica, em alguns itens” (Labov, 2008 [1972], p. 341).

De fato, os resultados de pesquisas variacionistas e descritivas produzidas no Brasil, um país rico em diversidade linguística, embora mascarada e muitas vezes não legitimada, mostram a variabilidade de uso dos róticos conforme a etnia. Altenhofen e Margotti (2011, p.

¹ Cada membro da classe rótica se assemelha a algum outro membro em relação a alguma propriedade, mas não é a mesma propriedade que constitui a semelhança para todos os membros de uma classe. Tradução minha.

299) citam como um traço característico do português de contato com os adstratos alemão e italiano, no nível fonético-fonológico, justamente a realização “do [r] fraco (tepe) no lugar do [r] forte ou fricativa /x/ a vice-versa (hipercorreção)”². Assim, na fala dessas etnias, encontra-se a substituição da fricativa velar [x] pelo r fraco [r] tepe como, por exemplo, a realização de *cachorro* [ka'ʃoxõ] por [ka'ʃoõ] e também a substituição do tepe pela fricativa como, por exemplo, a realização de *arame* [a'rami] por [a'xami].

Diferentes grupos étnicos colonizaram o Estado do Paraná e, dentre estes grupos, destaca-se a forte presença da imigração eslava no final do século XIX. Estima-se que, no final do século XIX e início do século XX, cerca de 60.000 eslavos imigraram para o Estado do Paraná (Loregian-Penkal, Krause-Lemke, Costa e Jacumasso, 2013). A imigração ucraniana no Paraná ocorreu em três etapas distintas (Boruszenko, 1985): a primeira leva com milhares de lavradores veio no final do século XIX, a segunda etapa veio após a Primeira Guerra Mundial e a terceira, e, segundo Boruszenko (1985, p. 10) a maior delas, ocorreu após a Segunda Guerra Mundial com a vinda de 200 mil imigrantes entre operários, soldados e refugiados políticos.

A imigração polonesa ocorreu em massa no período de 1889 a 1892, período conhecido como a “febre brasileira” (Wachowicz, 2002, p. 18) quando milhares de colonos e proletários poloneses migram para o país. Em 1914, funcionavam no Paraná 46 escolas polonesas, o maior número dentre os estados da região sul.

Em publicação do IBGE (1950), relativa ao censo realizado em 1940, os dados mostram que, entre os estrangeiros e brasileiros naturalizados, figuravam como as línguas mais faladas em território brasileiro as línguas alemã, italiana, espanhola, polonesa e japonesa (IBGE, 1950, p. 17). Segundo a publicação, moravam no país 22.521 poloneses estrangeiros ou brasileiros naturalizados e 38.129 brasileiros natos de origem polonesa. O censo do IBGE de 1940 registrou o intenso uso de línguas estrangeiras no Brasil, com grande parte da população falando uma língua estrangeira ou aborígine segundo a terminologia da época.

Esta intensa imigração eslava deixou suas marcas culturais que se fazem presentes ainda hoje, principalmente no interior do Estado do Paraná, e concretizam-se na culinária, arquitetura, rituais religiosos e uso linguístico, pois ainda encontramos falantes das línguas eslavas, polonesa e ucraniana (Costa e Loregian-Penkal, 2015). Neste contexto multicultural e multilíngue, pesquisadores da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, vinculados ao Programa Permanente de Extensão Núcleo de Estudos Eslavos – NEES, constituíram um banco de dados sociolinguístico de fala eslava, composto por entrevistas com descendentes de eslavos de sete cidades do interior do Paraná: Cruz Machado, Irati, Ivaí, Malet, Prudentópolis, Rebouças e Rio Azul. O banco Variação Linguística de Fala Eslava – VARLINFE registra o português brasileiro falado por estes descendentes de eslavos e possibilita pesquisas descritivas acerca do português brasileiro falado no interior do Paraná e do Brasil.

² Notação dos autores.

As pesquisas variacionistas que serão relatadas neste artigo foram realizadas com amostras de fala do VARLINFE. Anteriormente a elas, traremos alguns dados de estudos dialetológicos e acústicos acerca dos sons róticos na fala paranaense.

ESTUDOS PIONEIROS

Antes de apresentarmos os resultados de pesquisas descritivas e variacionistas acerca dos sons róticos na fala de descendentes eslavos, poloneses e ucranianos, no Estado do Paraná, trazemos dados de importantes estudos dialetológicos: O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (Altenhofen, Klassmann e Koch, 2002) e o Atlas Linguístico do Paraná – ALIP (Andrade Aguilera, 1996).

O ALERS (Altenhofen, Klassmann e Koch, 2002) apresenta em suas cartas etnográficas transcrição fonética da pronúncia de itens lexicais nos três estados da região sul do Brasil. Aponta também na Carta V, a presença das línguas polonesa e ucraniana, ao lado do italiano e do alemão, como segunda língua faladas pelos informantes. Especificamente em dados do Paraná, podemos observar as variantes róticas nos itens lexicais *ferendo*, *revólver*, *genro*, *carro*, *clara* e *gordura*.

Em *revólver* temos a realização das variantes vibrante múltipla alveolar, tepe, fricativa velar e vibrante múltipla uvular com o predomínio da vibrante múltipla alveolar conforme ilustra a Carta 44. Na palavra *genro*, conforme a Carta 45, temos a realização das variantes tepe, vibrante múltipla alveolar, velar e vibrante múltipla uvular (poucos casos na região norte do estado). Em *carro*, observamos a realização das variantes vibrante múltipla alveolar, tepe e fricativa velar. Dos dados que permitem a observação dos róticos na coda silábica, em *gordura* temos a ocorrência do tepe e do retroflexo com predomínio do tepe.

Da mesma forma, no ALIP (Andrade Aguilera, 1996) podemos observar a realização das variantes róticas em alguns itens lexicais em cartas que possuem transcrição fonética. Em *remela*, há o predomínio da vibrante múltipla alveolar com a realização também da fricativa velar surda e uma vibrante velar sonora (Carta 99). Em *cerração*, temos novamente o predomínio da vibrante alveolar ao lado do tepe e das fricativas velar surda e sonora (Carta 101). Referente à coda silábica, observamos nos itens *terça-feira*, *árvore* e *borboleta* a concomitância do tepe e do retroflexo.

Embora estes estudos pioneiros tragam dados de poucos informantes, de acordo com a sua natureza dialetológica, eles abrangem todo o estado e constituem importantes registros das variantes róticas na fala paranaense de décadas passadas.

ANÁLISES ACÚSTICAS

Uma das variantes possíveis de serem produzidas no português brasileiro na posição de ataque silábico é a vibrante múltipla alveolar. Nesta posição silábica, os róticos sofreram um processo de posteriorização da articulação com decréscimo do uso da vibrante alveolar e crescimento do uso da fricativa velar (Monaretto, 2002, p. 254). A autora afirma que essa mudança de uma articulação anterior para posterior é uma tendência já observada em muitas línguas. Comparando pesquisas acerca do rótico inicial no sul do Brasil da década de 80 e 90 do século XX, Monaretto constata um decréscimo no uso da variante vibrante múltipla anterior de 21% para 17% e um crescimento da fricativa velar de 56% para 65%. Segundo a autora, essa mudança atua de forma mais lenta na região Sul devido às etnias e contatos linguísticos:

No Sul do Brasil, essa mudança atua de modo mais lento devido à interferência de populações oriundas da colonização alemã, italiana e à situação de fronteira com países de fala espanhola. No Rio Grande do Sul, assim como no Paraná, o índice de vibrante anterior é maior, por questões de imigração e contato linguístico. Em Florianópolis e no litoral de Santa Catarina, região de colonização açoriana, essa variante praticamente inexistente (Monaretto, 1992, 1997 *apud* Monaretto, 2002, p. 255).

Costa e Cotovicz (2015) ratificam os resultados de Monaretto ao constatarem a realização da vibrante múltipla alveolar em análise de dados de fala da cidade de Rebouças no interior do Paraná. Os autores desenvolveram um experimento com quatro informantes, um masculino e um feminino com até 25 anos de idade e um masculino e um feminino com até 50 anos de idade. As ascendências eram híbridas com presença de etnia italiana, alemã, polonesa e ucraniana. Os dados foram coletados com dois métodos: com as palavras-alvo inseridas na frase-veículo “Digo ... baixinho”, e através de nominação de figuras por estímulo visual. Posteriormente, os dados foram analisados por análise acústica com o programa PRAAT.

A análise dos dados revelou a persistência da variante rótica alveolar e o predomínio da variante fricativa velar no ataque silábico com pouca diferença em termos de porcentagem. Na coleta com figuras, a fricativa velar predominou com 56,9% das realizações e a vibrante alveolar ocorreu em 43,13% dos dados. Já na coleta com frase-veículo, a fricativa velar teve um percentual de realização de 52,6% contra 47,4% da vibrante múltipla alveolar. No ataque intervocalico, a fricativa velar ocorreu em 54,2% dos dados contra 45,8% da vibrante múltipla alveolar.

Nos dois métodos de coleta, os resultados polarizam os informantes em dois grupos heterogêneos. A vibrante múltipla alveolar predominou no ataque em início de sílaba para os informantes A, jovem masculino, e D, adulto feminino; já a vibrante velar predominou no ataque para os informantes B, jovem feminino, e C, adulto masculino. A única característica

que os informantes A e D, para os quais predominou a ocorrência da vibrante alveolar no ataque, tinham em comum era a presença da etnia italiana na família.

Articulatoriamente, sabemos que a vibrante múltipla alveolar se caracteriza pela realização de vários toques nos alvéolos que, acusticamente, manifestam-se por vários pulsos de oclusão e abertura oral. Na pesquisa de Costa e Cotovicz (2015), quando a variante rótica vibrante múltipla alveolar ocorreu no ataque intervocálico manteve-se um padrão de três vibrações, já no ataque em início de sílaba produziu-se palavras com dois, três, quatro, cinco e até seis pulsos vibratórios.

Cotovicz (2019) conduziu uma análise acústica de róticos produzidos em início de palavra e traz uma descrição detalhada da vibrante múltipla alveolar, produzida por falantes de Rebouças e Irati, ambas cidades do interior do Paraná e com colonização eslava.

O estudo apresenta uma descrição das manobras articulatórias e detalhes fonéticos acústicos que explicitam a complexidade articulatória da vibrante alveolar e teve dois objetivos principais: o primeiro, de ordem linguística, era verificar a produção dos róticos em início de palavra em contexto precedente às vogais [i] e [a]. A proposta parte das premissas do DAC (Degree of Articulatory Constraint) model (Recasens; Pallarès; Fontdevila, 1997), um modelo de análise fonética que prevê que a coarticulação entre os segmentos está relacionada com os diferentes níveis de constrição articulatória. O segundo objetivo do estudo foi verificar se a metodologia de coleta de dados, contrastando os métodos de frase-veículo e de narrativa-curta, traria diferenças nas realizações róticas.

A hipótese elaborada para a pesquisa é uma maior influência coarticulatória da vogal [i] sobre a produção da vibrante, fato que tende a desfavorecer a ocorrência de vibrantes nesse contexto vocálico e resultar em variantes espirantizadas, vibrantes com sobreposição de ruído fricativo, visto que há um antagonismo nos movimentos articulatórios para a produção da vibrante e da vogal [i].

Foram analisados 540 dados de fala de nove informantes, seis homens e três mulheres. Os resultados demonstraram a gradiência na produção dos róticos no espectro que vai da vibrante múltipla alveolar a vibrantes espirantizadas e fricativas. Ocorreu maior incidência de vibrantes espirantizadas em contexto anterior à vogal alta anterior [i], ratificando as predições do modelo de coarticulação, e maior incidência da vibrante múltipla anterior em contexto anterior à vogal [a]. O modelo DAC divide os sons em três categorias, de acordo com as manobras articulatórias e o envolvimento do dorso de língua para sua produção, e quanto mais diferentes estes níveis entre os segmentos, maior a coarticulação e a consequente variabilidade nos sons. As manobras articulatórias para a realização da vibrante e da vogal alta anterior contrastam e, conforme Cotovicz, as características articulatórias para a realização da vibrante múltipla alveolar são complexas:

Nota-se, com as discussões abordadas nesta seção, que a vibrante alveolar está condicionada a um exigente aparato de produção, assim, mudanças no posicionamento articulatório, bem como no volume de ar necessário à vibração da ponta língua, podem implicar em resultados acústicos bastante variados na produção desse som (Cotovicz, 2019, p. 32).

Quando à análise dos dois métodos de coleta, no método de frase-veículo (Digo ___baixinho), foram produzidas 14,1 % a mais de vibrantes em contexto de vogal [a] e uma maior variabilidade na produção dos róticos no contexto de vogal [i] com 13,9% a mais de róticos espirantizados. No método de narrativa curta lida pelos informantes, repetiu-se os resultados, com mais vibrantes em contexto de vogal [a] e maior variabilidade em contexto de vogal [i], no entanto, a diferença entre os dois contextos vocálicos diminui para 4,4%.

O estudo de Cotovicz (2019), apesar de analisar dados de falantes de Rebouças e Irati, cidades com intensa presença da cultura eslava, não informa a ascendência dos informantes, o que foge do escopo deste texto, no entanto, constitui uma análise acústica acurada da vibrante múltipla alveolar, trazendo detalhes fonéticos dos mecanismos físicos necessários, da espirantização, da duração e da quantidade de pulsos das vibrantes; que registra a presença e manutenção desta variante rótica no interior do Paraná.

ANÁLISES VARIACIONISTAS

Após apresentarmos alguns dados dialetológicos e de análises acústicas dos róticos no interior do Paraná, traremos resultados de análises variacionistas com dados de fala oriundos do banco de dados sociolinguísticos VARLINFE, conforme referenciado na seção introdutória deste texto. Em consonância com a teoria sociolinguística laboviana (Labov, 2008 [1972]), tais estudos investigaram os possíveis fatores condicionadores, internos: inerentes ao sistema linguístico; e externos: sociais, para a realização das variantes róticas nas comunidades de ascendência eslava.

Souza (2022) analisou dados de fala da amostra do VARLINFE da cidade de Prudentópolis, interior do Paraná, cuja cultura ucraniana é fortemente presente. É uma cidade formada com imigração e colonização ucraniana que apresenta um intenso bilinguismo majoritariamente oral, mas também com abundantes registros escritos como um jornal publicado em língua ucraniana chamado *Prácia* (que significa trabalho em ucraniano), monumentos públicos, lápides em cemitérios, materiais para catequese e até calendários em língua ucraniana (Costa e Melnik, 2020). O intenso bilinguismo e vivência da cultura ucraniana fez com que, em outubro

de 2021, a cidade legalizasse, com a Lei Municipal 024/2021³, a língua ucraniana como língua cooficial do município.

Foram analisados dados de fala provenientes de 16 entrevistas da amostra de Prudentópolis do VARLINFE, estratificadas em 8 informantes masculinos e 8 informantes femininos, divididos em duas faixas etárias, até 50 anos e mais de 50 anos, e dois níveis de escolaridade – fundamental e ginásial. A autora procedeu a escuta, transcrição e codificação das variantes róticas produzidas pelos informantes que foram submetidas a tratamento estatístico com o programa Goldvarb⁴ para cálculo das porcentagens e do peso relativo dos fatores condicionadores como é de praxe em análises dessa natureza. Como variáveis independentes foram consideradas: o ambiente silábico no qual o rótico ocorreu, o tipo de vocábulo, o contexto anterior ao rótico, o contexto posterior ao rótico, o sexo, a faixa etária, a escolaridade e a etnia.

A escuta e transcrição dos dados revelaram a presença de quatro variantes róticas na amostra: tepe, retroflexo, vibrante velar e uma variante não claramente identificada de oitiva. A variante predominante foi o tepe com a porcentagem de 93% dos dados totais, dos 6.506 dados totais analisados, houve a ocorrência de 6.049 dados com r tepe. A variante retroflexa ocorreu em 222 dados, com uma porcentagem de 3,4%, a ocorrência da variante rótica não identificada ocorreu em 94 dados e uma porcentagem de 1,4%, a vibrante velar foi produzida em 79 dados, com uma porcentagem de 1,2 %, e o apagamento do rótico ocorreu em 59 dados, com uma porcentagem de 0,9%. Dado o alto predomínio da variante tepe, Souza (2022) realizou uma segunda rodada com o tepe como fator de aplicação, investigando os possíveis fatores condicionadores para a realização desta variante rótica.

Os resultados da análise revelaram as seguintes variáveis favorecedoras à realização do rótico tepe [r]: o ambiente silábico (ataque silábico inicial e medial e coda silábica medial e final), o tipo de vocábulo (substantivo, advérbio, verbo, conjunção, preposição e adjetivo), o contexto anterior ao rótico, o contexto posterior, a faixa etária, a etnia (ucraniana ou híbrida) e o sexo dos informantes. O programa descartou a variável escolaridade, não a considerando como favorecedora para o uso do rótico tepe. A amostra contou com apenas dois níveis de escolaridade: fundamental, o atual ensino fundamental I, que vai do primeiro ao quinto ano; e ginásial: atual ensino fundamental II, que vai do sexto ao nono ano. Esta seleção deveu-se ao fato de que os informantes possuem baixa escolaridade, sendo difícil encontrar entre esses falantes, que vivem em comunidades da zona rural e trabalham na agricultura, pessoas com ensino médio.

A primeira variável apontada como favorecedora à ocorrência da variante tepe foi o ambiente silábico em que o rótico ocorreu com o predomínio do contexto silábico de ataque complexo, dado coerente com a produtividade desta variante neste contexto no português

³ Disponível em www.cmprudentopolis.pr.gov.br Acesso em 27 de julho de 2025.

⁴ O programa estatístico Goldvarb, disponível gratuitamente, é um dos utilizados em análises variacionistas.

brasileiro. O segundo ambiente silábico apontado como favorecedor à ocorrência do rótico tepe na amostra foi o ataque medial; ataque silábico no meio da palavra como, por exemplo, nas palavras *barro* e *esperança*, com a realização em 2.797 dos 2.838 dados analisados, com uma porcentagem de 98,6% e um peso relativo de 0.64. No ataque absoluto, início de sílaba em início de palavra, como, por exemplo, nas palavras *roça* e *rua*, de 663 ocorrências, o rótico tepe foi pronunciado em 607 dados, tendo uma porcentagem de 91,6% e um peso relativo baixo de 0.26. Para Souza (2022), a alta realização do tepe no ambiente de ataque medial está ligada à substituição do rótico forte pelo rótico fraco neste ambiente.

As outras variáveis independentes apontadas pela análise estatística como favorecedoras à ocorrência da variante tepe na amostra foram o tipo de vocábulo; as preposições e advérbios, o contexto anterior ao rótico; com o papel de destaque da vogal alta anterior [i], pois de 771 dados ocorreu em 754 a variante, totalizando uma porcentagem de 97,8% e peso relativo de 0.65; e o contexto posterior sendo vocálico. Quanto às variáveis sociais, os resultados revelaram o papel condicionador da variável sexo com o predomínio do tepe na fala dos informantes do sexo masculino, com ocorrência de 2.794 do total de 2.989 dados analisados, contando com uma porcentagem de 93,5% e um peso relativo de 0.53. Já os informantes do sexo feminino apresentaram, em sua fala, uma ocorrência de 3.255 dados de um total de 3.517, com uma porcentagem de 92,6% e peso relativo de 0.46.

A outra variável social apontada como favorecedora foi a faixa etária do informante e como primeiro fator condicionante os informantes mais novos, pertencentes à faixa etária de até 50 anos, pois dos 3.399 dados obtidos ocorreu o uso do tepe em 3.185 dados, uma porcentagem de 93,7% e peso relativo de 0.53. Na faixa etária dos falantes com mais de 50 anos, o tepe ocorreu em 2.864 dados do total de 3.107 ocorrências, com uma porcentagem de 92,2% e peso relativo de 0.45. A etnia do falante foi a última variável apontada como favorecedora à realização do rótico tepe, com o fator etnia híbrida predominante sobre o fator etnia ucraniana. No entanto, apesar de ter sido considerada como uma variável independente na amostra, dos dezesseis informantes apenas dois possuíam etnia híbrida, pai ucraniano e mãe polonesa, e catorze possuíam etnia ucraniana, o que torna a amostra não homogênea nessa variável conforme apontado por Souza (2022, p. 67).

Os resultados da análise de Souza (2022) são precursores em demonstrar, empiricamente, a alta produtividade da substituição do rótico forte pelo rótico fraco tepe no ataque silábico medial, que caracteriza a fala desses descendentes de imigrantes ucranianos, o consequente predomínio da variante tepe na amostra e a provável manutenção desses resultados com o papel favorecedor da faixa etária mais nova na realização da variante.

Michalowski (2024) também realizou uma análise variacionista para investigar os róticos falados por descendentes eslavos no interior do Paraná, porém, em uma comunidade predominantemente polonesa. Os dados de fala examinados pertencem à amostra da cidade de Cruz Machado, do banco de dados VARLINFE.

Cruz Machado iniciou-se como um núcleo colonial de imigrantes poloneses e, assim como referenciado em Prudentópolis, com a cultura ucraniana. Conforme Souza (2022), é uma comunidade que mantém viva a cultura e a língua polonesas. No distrito de Santana, interior do município, há um Museu Etnográfico da Imigração Polonesa com artefatos, livros e réplicas das *butkas*, casinhas precárias de madeira que foram as primeiras habitações dos imigrantes. Niewadowsky e Costa (2022) apresentam os resultados de uma análise fonética acústica com detalhes fonéticos do polonês falado em Cruz Machado e que mostram a persistência de um sistema sonoro polonês com pouquíssimas e discutíveis influências do sistema sonoro da língua portuguesa, evidenciando o bilinguismo e a manutenção da língua polonesa na comunidade.

Para a investigação das variantes róticas no português brasileiro falado pelos descendentes de eslavos em Cruz Machado, Michalowski (2024) analisou 2.100 dados provenientes de doze entrevistas com os informantes divididos em seis homens e seis mulheres, dois grupos de faixa etária: de 25 a 50 anos e mais de 50 anos, e duas etnias: polonesa e híbrida, quando o informante tem os genitores de etnias diferentes. Quanto à escolaridade, os informantes foram divididos em três grupos: primário, que corresponde ao atual Ensino Fundamental I; ginásio, que corresponde ao atual Ensino Fundamental II; e colegial, que corresponde ao atual Ensino Médio.

Dada a produtividade da variante tepe na amostra, em face das variantes fricativa velar, retroflexo, vibrante alveolar e o apagamento; Michalowski (2024) realizou a rodada do Goldvarb, programa estatístico utilizado em análises varicionistas como já referido, tendo a variante tepe como fator de aplicação. Os resultados revelaram as seguintes variáveis independentes como favorecedoras à realização do tepe na amostra em ordem de importância: contexto posterior ao rótico, contexto anterior ao rótico, escolaridade, ambiente silábico, tipo de vocábulo, etnia e sexo.

No contexto posterior ao rótico, primeira variável selecionada pelo programa, o fator preponderante foi a presença de uma vogal com 48,9% de porcentagem e peso relativo 0.64. Já no contexto posterior ao rótico, o fator preponderante foi a presença de um segmento consonantal com 91,1 % de porcentagem e 0.73 de peso relativo. Mas o contexto vocálico também se revelou favorecedor, apresentando a vogal [u] com 79,2 % e 0.65 de peso relativo e a vogal [o] com 67,3 de porcentagem e 0.64 de peso relativo. Para Michalowski (2024), o papel favorecedor do contexto vocálico para a possível realização da variante tepe, tanto no contexto anterior como posterior, deve-se à natureza acústica desta variante, que, conforme Costa (2013) é um som caracterizado por um movimento balístico de ponta da língua em direção à região alveolar. Geralmente, apoia-se em um evento acústico de natureza vocálica, constatado em abordagens acústicas para o português brasileiro, conforme Silva (1996) e Silveira e Seara (2008).

A escolaridade foi a terceira variável selecionada na análise estatística do programa Goldvarb como favorecedora à realização de um tepe na amostra. O nível primário apresentou

um peso relativo de 0.57; o nível ginasial apresentou um peso relativo de 0.51 e o nível de escolaridade colegial, um peso relativo de 0.36. Portanto, na amostra de Cruz Machado, quanto menor o nível de escolaridade, mais o informante produz a variante tepe.

A quarta variável apontada com favorecedora à realização da variante tepe na amostra foi o ambiente silábico em que o rótico ocorre com predomínio do ataque medial como, por exemplo, na palavra *cachorro*, com um peso relativo alto de 0.71. Como segundo fator, foi selecionado o ambiente de ataque absoluto, início de sílaba e início de palavra, com peso relativo de 0.64. Já os ambientes silábicos de coda, final de sílaba, tanto medial como final tiveram índices mais baixos com peso relativo de 0.62 para a coda medial e 0.17 para a coda final. Estes resultados demonstram uma ligação com o fenômeno de substituição da fricativa velar pelo tepe no ataque silábico, produtivo na amostra, e com o fenômeno de apagamento do rótico na coda final, produtivo no português brasileiro em geral.

Na variável tipo de vocábulo, mostram-se favorecedores os adjetivos, com peso relativo de 0.69, e as preposições com 0.63 de peso relativo, repetindo o resultado encontrado na análise de Souza (2022), quanto ao papel favorecedor das preposições. Da mesma forma, a variável etnia apontou o favorecimento dos informantes com ascendência polonesa em face aos informantes com ascendência híbrida, no entanto a amostra não é homogênea nesta variável com doze informantes de etnia polonesa e apenas dois de etnia híbrida. No entanto, a diferença entre os pesos relativos para as duas etnias pode ser considerada significativa, com 0.53 para a etnia polonesa e, apenas, 0.28 para a etnia híbrida.

A última variável selecionada pelo programa Goldvarb como favorecedora à realização do tepe na amostra foi o sexo do falante, com o favorecimento dos homens, peso relativo de 0.57. O sexo feminino apresentou peso relativo de 0.44. Para Michalowski (2024), o predomínio do tepe no ambiente silábico de ataque liga-se ao fenômeno de substituição da fricativa velar pela variante tepe, presente na amostra, e ao favorecimento da variável sexo. O fenômeno é estigmatizado e este resultado, favorecimento do sexo masculino, é coerente com as afirmações de Labov (2008 [1972], p. 346): de que as mulheres “usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada”.

Os resultados da pesquisa de Michalowski (2024) apontam o predomínio da variante tepe no português brasileiro falado pelos descendentes eslavos em uma comunidade de forte cultura polonesa, condicionada por fatores estruturais; contextos anterior e posterior ao rótico, ambiente silábico eclasse morfológica; fatores sociais; escolaridade, etnia e sexo. A realização do tepe é favorecida pelos falantes menos escolarizados, do sexo masculino e de etnia polonesa.

Huk (2024) também investigou as variantes róticas em amostra do banco de dados VARLINFE da cidade de Rebouças, interior do Paraná. Nesta cidade, a população também é de descendência eslava, mas não com marcante cultura ucraniana, como Prudentópolis; ou polonesa, como Cruz Machado. Foram analisados 1.844 dados provenientes de doze entrevistas com seis informantes homens e seis informantes mulheres, divididos em duas faixas etárias:

a primeira com falantes de até 50 anos e a segunda com falantes com mais de 50 anos, e em três níveis de escolaridade: primário, ginásial e colegial, a estratificação do VARLINFE conforme já referenciado. Os informantes também foram divididos em três fatores na variável independente etnia: polonesa, ucraniana e híbrida.

Na análise de Huk (2024), a variante rótica predominante também foi o tepe, mas sem o predomínio tão alto como nas análises de Souza (2022) e Michalowski (2024), com 65,6% de aplicação, seguido pela variante fricativa velar com 28,9% de aplicação em contraste com 5,6% das outras variantes; retroflexo, uma variante não identificada e o apagamento na coda silábica.

Com esses resultados, Huk (2024) realizou análises específicas com o programa Goldvarb para a variante tepe e para a variante velar. Os resultados indicaram como variáveis independentes favorecedoras à realização do tepe: o ambiente silábico, a faixa etária, o contexto sonoro anterior ao rótico, a etnia, o contexto sonoro posterior e o tipo de vocábulo. Com relação à variante velar, as variáveis condicionadoras apontadas pelo programa foram: ambiente silábico, contexto anterior, a faixa etária, etnia e escolaridade. Foram excluídas como variáveis favorecedoras à realização da variante tepe: as variáveis sociais escolaridade e o sexo; já para a variante velar foram excluídas as variáveis estruturais: tipo de vocábulo, contexto posterior ao rótico e a variável social: sexo.

Para a variante tepe, na primeira variável selecionada pelo programa Goldvarb, no ambiente silábico predominou a coda medial como, por exemplo, nas palavras *carpir* e *caderno*, com peso relativo de 0.86, e ataque medial como, por exemplo, nas palavras *carro* e *carroça*, com peso relativo 0.47. A segunda variável favorecedora à realização da variante tepe na amostra foi a faixa etária com o predomínio da faixa mais velha, informantes com mais de 50 anos, que apresentou peso relativo de 0.57, comparada com a faixa etária até 50 anos com 0.33 de peso relativo.

A terceira variável favorecedora à realização do tepe na amostra de Huk (2024) foi o contexto anterior ao rótico com predomínio das vogais posteriores e da vogal alta anterior. Quanto à variável etnia, a amostra apresentou enviesamento. A etnia polonesa mostrou-se mais favorecedora com 73,6% de aplicação e peso relativo de 0.59; seguida da etnia ucraniana com 60,9% de aplicação e peso relativo de 0.50 e por último a etnia híbrida com 66,4 % de aplicação e 0.38 de peso relativo. Huk (2024) aponta o enviesamento nos resultados, pois a etnia híbrida apresenta o menor peso relativo, mas a segunda maior porcentagem e os valores dos pesos relativos das etnias ucraniana e polonesa estão muito próximos do ponto neutro 0,5.

No contexto posterior, para o tepe, têm papel favorecedor as oclusivas sonoras e surdas, pesos relativos respectivamente de 0.69 e 0.67, e, na variável classe morfológica, os nomes têm peso relativo de 0.52, mas com uma diferença muito pequena em relação aos verbos, com peso relativo de 0.43.

Quanto aos resultados da rodada do programa Goldvarb para a variante velar, na primeira variável favorecedora, o fator preponderante foi o ataque absoluto, como, por exemplo, na palavra *rato*, com 78,1% de porcentagem e peso relativo de 0.75. No contexto anterior, predominou a pausa com peso relativo de 0.66, seguida das consoantes com peso relativo de 0.58. Na variável faixa etária, os falantes mais jovens, até 50 anos, produzem mais a variante velar, peso relativo de 0.64, em contraste com a faixa etária de mais de 50 anos com peso relativo de 0.43. Quanto a esse resultado, a autora ressalta que “o uso maior da variante velar na faixa etária mais jovem da amostra indica um padrão de realização dos róticos em acordo com a maioria dos dialetos do português brasileiro” (Huk, 2024, p. 56).

A quarta variável apontada como favorecedora à realização da variante velar é a etnia, mas novamente há um enviesamento na análise. A etnia híbrida é apontada como a predominante com peso relativo de 0.58, mas porcentagem de 27,4%, a etnia ucraniana apresenta porcentagem de 33,2% e peso relativo de 0.50 e a etnia polonesa apresenta porcentagem de 21,9 e peso relativo de 0.41.

A última variável selecionada como favorecedora à realização da variante velar foi a escolaridade, tendo como fator favorecedor o ginásio com peso relativo de 0.55, seguido do colegial com peso relativo de 0.51 e, por último, está o fundamental com peso relativo de 0.41. Portanto, os falantes com mais escolaridade, realizam mais a variante velar.

Os resultados da pesquisa de Huk (2024), ainda que repitam novamente o predomínio da variante rótica tepe, diferem das pesquisas anteriores por apresentarem uma porcentagem menor, 65,6% na amostra, e a presença da variante fricativa velar com 28,9%. Nas considerações finais, apresentamos um compilado dos resultados das três análises variacionistas resenhadas neste texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, neste texto, resultados de pesquisas que abordam a realização dos sons róticos no português brasileiro falado no interior do Paraná, em comunidades de imigração eslava, polonesa e ucraniana. A relevância de pesquisas que investiguem o português brasileiro falado pelas variadas etnias que se fizeram presentes nos fluxos migratórios que colonizaram o Brasil, a partir do século XIX, sobretudo no Sul do país, é destacada por Raso, Mello e Altenhofen (2011), ao apontarem que a formação cultural brasileira recebeu a contribuição de muitas etnias, desfazendo o mito da estacionária tríade luso, indígena e africano.

Os trabalhos dialetológicos do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS e do Atlas Linguístico do Paraná - ALIP, apresentam a presença da vibrante múltipla alveolar, a realização do tepe no ambiente de ataque silábico em palavras nas quais produtivamente ocorre no português brasileiro uma variante rótica forte como, por exemplo, nas

palavras *carro* e *cerração* e a presença da variante retroflexa. As análises fonéticas acústicas dos sons róticos também demonstraram a manutenção da variante rótica vibrante múltipla alveolar.

As análises variacionistas apresentadas neste texto foram todas realizadas com dados de fala do banco de dados sociolinguístico Variação Linguística de Fala Eslava – VARLINFE. Nas três pesquisas, as autoras relatam a presença do fenômeno de substituição da variante rótica forte, fricativa velar ou vibrante múltipla alveolar pelo tepe. Por exemplo, nas palavras *cachorro* e *rua*, fenômeno já atestado nos trabalhos dialetológicos referidos neste texto. O quadro 1 sistematiza as principais similaridades e contrastes entre os seus resultados.

QUADRO 1 – Principais similaridades e contrastes entre as análises variacionistas de fala eslava

Autor	Cultura predominante na amostra	Variante rótica predominante	Ambiente silábico favorecedor à variante predominante	Fatores Sociais favorecedores à variante predominante
Souza (2022)	Ucraniana	Tepe	Ataque complexo e ataque medial	Informantes mais novos
Michalowski (2024)	Polonesa	Tepe	Ataque medial	Nível de escolaridade mais baixo e sexo masculino
Huk (2024)		Tepe e Fricativa velar	Tepe: ataque e coda medial Velar: Ataque	Tepe: faixa etária mais avançada Velar: faixa etária mais nova e faixa de maior escolaridade

Fonte: Elaboração própria.

A principal similaridade é o predomínio da variante tepe, dado ligado ao fenômeno de substituição do rótico forte pelo tepe com papel significativo do ambiente de ataque medial. A pesquisa de Huk (2024) destaca-se pelo menor predomínio da variante tepe com a realização significativa da variante fricativa velar no ataque silábico, coerente com a sua produtividade no português brasileiro em geral.

Os resultados das análises variacionistas apresentadas neste texto, atestam empiricamente a presença do fenômeno de substituição do rótico forte pelo rótico fraco, caracterizando o português brasileiro falado pelos descendentes de eslavos, poloneses e ucranianos; em consonância com o que ocorre nos adstratos alemão e italiano conforme Altenhofen e Margotti (2011, p. 299), citados na introdução deste texto. No entanto, na fala eslava não foi constatada a hipercorreção com a realização do rótico forte em contextos nos quais produtivamente ocorre

a realização de um rótico fraco como, por exemplo, a realização de *arame* [a'ramɪ] por [a'xamɪ], fenômeno que ocorre no português brasileiro falado pelos descendentes de alemães e italianos.

Quanto aos fatores sociais que atuam como possíveis condicionadores da realização do rótico tepe, nas amostras de Souza (2022) e Michalowski (2024) são favorecedores a faixa etária mais nova, o nível de escolaridade mais baixo e o sexo masculino. De acordo com os pressupostos da teoria variacionista laboviana, temos indícios de uma variável estável, o uso da variante tepe, nestas comunidades. Já na amostra de Huk (2024), com análises estatísticas separadas para as variantes tepe e fricativa velar; na variante tepe, a faixa etária mais avançada é favorecedora e, na variante fricativa velar, são favorecedores a faixa etária mais nova e a maior escolaridade; por sua vez, tais resultados revelam indícios de uma mudança naquela comunidade, com o maior uso da fricativa velar.

O panorama do uso dos sons róticos no português brasileiro falado pelos descendentes de eslavos no interior do Paraná, proporcionado pelos resultados das pesquisas variacionistas apresentadas neste texto é relevante para o conhecimento da fala eslava e da fala do interior do país, fora dos grandes centros urbanos. Contudo, em face das diferenças entre as comunidades eslavas quanto à manutenção da cultura e das línguas eslavas (Costa e Loregian-Penkal, 2015), são necessárias mais investigações variacionistas, não apenas acerca dos sons róticos, mas também de outros sons do sistema sonoro brasileiro. Do mesmo modo, futuras análises fonéticas acústicas podem esclarecer detalhes fonéticos de espirantização e retroflexão, por exemplo. Seria interessante também uma investigação específica do fenômeno de substituição do rótico forte pelo rótico fraco, pois, como vimos, caracteriza a fala de etnia eslava e seus fatores condicionadores.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. S.; KOCH, W. **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: ALERS**. Porto Alegre: UFGRS, 2002. 111 p.
- ALTENHOFEN, C.; MARGOTTI, F. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- ANDRADE AGUILERA, V. de. **Atlas linguístico do Paraná**. Londrina, PR: UEL, 1996. 2v.
- BORUSZENKO, O. Os Ucrânicos. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, v. 22, n. 108, 1995.
- COSTA, L. T. Fenômenos variáveis e variantes líquidas produzidas no ataque complexo. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, v. 35, n. 2, p. 179-186, Apr.-June, 2013.

COSTA, L. T.; LORENGIAN, L. A coleta de dados do banco VARLINFE - Variação linguística de fala eslava: peculiaridades e características. **Revista Conexão UEPG**, 11 (1), 100- 110, 2015.

COSTA, L. T.; MELNIK, G. Processos de letramentos em língua ucraniana no interior do Paraná. **Littera On-line**, Universidade Federal do Maranhão. 2020.

COSTA, L. T.; COTOVICZ, M. Notícias de uma sobrevivente: a variante rótica vibrante múltipla alveolar em Rebouças, PR. **Web-Revista SOCIODIALETO** - UEMS/Campo Grande, v. 6 (17), nov. 2015.

COTOVICZ, M. **Variabilidade dos róticos produzidos por falantes de Rebouças e Irati (PR): uma análise acústica**. 2019, 128f. Dissertação (Mestrado em Letras) UFPR, Curitiba, 2019.

DICKEY, L. W. **The phonology of liquids**. Amherst: GLSA, 1997.

HUK, G. **Os sons róticos na fala de descendentes de eslavos no Município de Rebouças-PR**. 2024, 92f. Dissertação (Mestrado em Letras) UNICENTRO, Guarapuava, 2024.

IBGE. **Estudos sobre as línguas estrangeiras e aborígenes faladas no Brasil**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. **The sounds of the word's language**. Oxford: Backwell, 1996.

LINDAU, M. The story of /r/. In: **Phonetic Linguistics, Essays in honor of Peter Ladefoged**. Orlando, FA: Academic Press, 1985, p. 157-168.

LOREGIAN-PENKAL, L.; KRAUSE-LEMKE, C.; COSTA, L.T. e JACUMASSO, T. Banco de Dados de Fala Eslava: Discussões Metodológicas. In: CAMPIGOTO, J. A.; CHICOSKI, R. (orgs.) **Brasil-Ucrânia: Linguagem, Cultura e identidade**. Jundá: Paco editorial, 2013.

MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MICHALOWSKI, L. **Análise dos sons róticos no município de Cruz Machado, Paraná**. 2024, 88f. Dissertação (Mestrado em Letras). UNICENTRO, Guarapuava, 2024.

MONARETTO, V. N. O. A vibrante pós vocálica em Porto Alegre. In: BISOL L.; BRESCANCINI C. (orgs.) **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

NIEWADOMSKY, S.; COSTA, L. T. O passado que persiste na língua: aspectos sonoros da língua polonesa falada no interior do Paraná. In: LEMKE, C. K.; ANGELO, C. M. P.; COSTA, L. T. da (org.). **Debates contemporâneos na área da linguagem: diversidade e multiculturalismo**. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

RECASENS, D.; PALLÀRES, M. D.; FONTDEVILA, J. A model of lingual coarticulation based on articulatory constraints. **Journal of Acoustic Society American**, v. 102 (1), 1997.

SILVA, T. C. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto 2011.

SILVA, A. H. P. **Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano**. 1996. 231f. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SILVEIRA, F.; SEARA, I. Vogal de apoio em grupos consonantais CCV no português brasileiro. **Revista da Abralín**, v. 7, n. 1, p. 27-48, 2008

SOUZA, D. C. M. **Análise variacionista do rótico tepe na fala de descendentes de Ucrânicos em Prudentópolis no Paraná**. 2022, 109f. Dissertação (Mestrado em Letras) UNICENTRO, Guarapuava, 2022.

WACHOWICZ, R. C. **As Escolas da Colonização Polonesa no Brasil**. Curitiba: Champagnat, 2002.

Recebido para publicação em: 1 ago. 2025.

Aceito para publicação em: 4 nov. 2025.